

Congresso exige linha direta com FH

Roberto Stuckert

MÔNICA GUGLIANO, LYDIA MEDEIROS
e MARCELO DE MORAES

BRASÍLIA — O Congresso Nacional mandou um claro recado ontem ao presidente Fernando Henrique Cardoso. Embora tenha maioria parlamentar vai precisar sempre negociar diretamente com deputados e senadores a aprovação dos projetos de seu interesse. Sem alguém para comandar as bancadas aliadas, pelo terceiro dia consecutivo, persistiu um clima de inquietação e rebelião que atingiu desde a articulação da candidatura do deputado Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA) para a presidência da Câmara até a votação do nome do presidente do Banco Central, Pêrsio Arida.

— Há uma certa inquietação que precisa de um canal de articulação. Se não, fica uma ânsia de poder represada em que, sem um interlocutor, cada um quer o seu lado. É uma montagem mais difícil que a do Ministério — observou o líder do PSDB na Câmara, Artur da Távola.

Preocupados com o vazio político que se instalou no Congresso, parlamentares do PSDB queriam ontem conversar com o presidente do partido, Pimenta da Veiga, para que ele convença Fernando Henrique a apressar a escolha dos líderes. A ausência de comando ficou explícita na sessão do Senado que ontem não aprovou o nome de Pêrsio Arida.

— Com um líder esta sessão poderia ter sido evitada, já que todos sabiam que alguns senadores estavam dispostos a condicionar a aprovação do nome de Pêrsio Arida à votação pela Câmara da anistia ao senador Humberto Lucena — argumentou o deputado Jackson Pereira (PSDB-CE).

O comportamento do Governo em relação ao Congresso é considerado inadequado até pelo PFL, seu maior aliado. Parlamentares do partido criticam, por exemplo, declarações dos novos ministros sobre cortes no Orçamento que atingiriam diretamente as emendas apresentadas pelo Congresso. Na avaliação de um deputado pefelista, o governo começou com um tom imperial e o confronto com o Congresso não é a política adequada para levar adiante as reformas que pretende fazer.

A idéia do seminário com o presidente, os ministros e as bancadas aliadas ainda não sensibilizou os deputados e senadores. Até ontem, este seminário era encarado como uma tentativa de neutralizar o mal-estar gerado pelos sucessivos erros que o governo vem cometendo no relacionamento com os políticos, a começar pela reunião do Conselho Político, que deixou de fora partidos que estão na base governista.



FH no Planalto: silêncio às críticas do Congresso que exige do presidente negociação direta com parlamentares

Desafinação

Ao decidir não receber parlamentares individualmente, o presidente Fernando Henrique se livra da necessidade ocasional de dizer o "não" prejudicial e o "sim" desmoralizante.

UMA política sábia. Mas é ingável que aumenta o trabalho dos dirigentes partidários, designados intermediários entre o Palácio do Planalto e o Congresso.

POR essa e por todas as razões já conhecidas, as relações com o Legislativo precisam ser administradas com perfeita afinção. Que não houve na primeira reunião do Conselho Político, realizada sem três partidos que apóiam o Governo (PTB, PP e PL).

A MAIORIA parlamentar não pode ser composta, nem na aparência, por aliados de primeira e de segunda classe.